

Graduação Pós-Graduação

O ENSINO DE CIÊNCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: tecendo estratégias lúdicas para abordar o tema Coronavírus

Paola Sturza Brum Just,
Instituto Federal Farroupilha,
paolasturza@gmail.com

Alice Copetti Dalmaso,
Universidade Federal de Santa Maria,
alicedalmaso@gmail.com

Fernanda Monteiro Rigue,
Universidade Federal de Santa Maria,
fernanda_rigue@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho emerge com o objetivo de apresentar a construção de estratégias colaborativas envolvendo o Ensino de Ciências com crianças no retorno escolar presencial, marcado pela readaptação curricular em tempos pandêmicos da COVID-19. É motivado pelo interesse em desenvolver questões que envolvam a temática de educação sanitária, como cuidados com a higiene. O viés metodológico dessa pesquisa é de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e do tipo Pesquisa-ação. Por meio da pesquisa, foi possível pensar estratégias lúdicas e experimentações para desenvolver iniciativas pedagógicas com os principais envolvidos, as crianças, instigando a curiosidade, a intervenção, os apontamentos, os diálogos e as percepções das mesmas, salientando a importância da escuta atenta ouvindo suas perguntas-máquinas. Desse modo, com o estudo, foi possível aguçar as narrativas das crianças, afinando um corpo presente e atento para com suas noções quanto ao coronavírus, com vistas a produzir possibilidades de exploração pedagógica.

Palavras-chave: Educação Infantil; Ensino de Ciências; COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo emerge a partir do processo de problematização de uma série de ações que foram implementadas no cerne da etapa da educação infantil de uma instituição de ensino localizada no interior do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Ações estas que mobilizaram o corpo docente e também as crianças pequenas da referida instituição, interessadas em compreender como seria possível construir subsídios potentes para o retorno presencial da educação escolar, a partir dos conhecimentos inerentes ao campo das Ciências da Natureza.

Por meio de diálogo informal com as docentes de turmas da pré-escola da referida instituição, pode-se verificar que as mesmas se mostravam inseguras quanto ao retorno presencial. Segundo apontavam, estavam sentindo medo devido ao retorno presencial das aulas com as crianças, depois de um longo tempo dedicado ao ensino remoto. Externalizaram ter muito receio quanto à segurança sanitária das crianças e delas próprias, justamente por ainda estarmos em contato com a pandemia de COVID-19.

A equipe escolar encontrava-se em meio a um paradigma de como seria o acolhimento destas crianças. A compreensão e aceitação das normas de biossegurança, utilização de máscaras, distanciamento social, utilização de equipamentos de proteção individual pelos profissionais da educação que os atenderiam, como se daria o processo sem que houvesse a ‘robotização’ destas crianças. Apontavam o desejo de poderem sentir-se seguras e à vontade mesmo com essas limitações, e mobilizadas a criar uma recepção que não produzisse afetos tristes da/nas crianças, que não interferissem em processos possíveis de aprendizagem.

Notando a emergência de tal situação atípica e problemática na escola visualizamos a potência de operar com o Ensino de Ciências para auxiliar neste processo, já que o mesmo permite a investigação e o estudo de hábitos cotidianos, incluindo o conhecimento relativo ao funcionamento de um vírus, bem como questões que envolvam a temática de educação sanitária, como cuidados com a higiene. Portanto, de modo colaborativo, buscou-se construir ações e estratégias para trabalhar de forma interdisciplinar, aliando o Ensino de Ciências aos conhecimentos pedagógicos específicos relativos ao desenvolvimento infantil, os quais buscam melhorar a qualidade dos processos de aprendizagem na infância.

As crianças encontram-se em fases do desenvolvimento que lhes permitem não somente interpretar o mundo, mas criar e produzir suas próprias ideias e concepções sobre o que chamamos de mundo. Desta forma, objetivou-se trabalhar questões de higiene pessoal na etapa infantil, sabendo da potência com que elas pudessem vivenciar estas questões tornando o conhecimento algo presente ao longo da sua vida. Por isso, buscou-se trabalhar de forma lúdica

com as crianças, garantindo que a identidade da educação infantil não fosse ameaçada neste contexto pandêmico, trazendo uma abordagem sensível voltada para as mesmas, trabalhando o assunto do coronavírus, da pandemia, do distanciamento social e das práticas de cuidado de si e do outro, fomentando hábitos de higiene.

Objetivou-se com tal proposta construir possíveis estratégias envolvendo o Ensino de Ciências com crianças no retorno escolar presencial, marcado pela readaptação curricular em tempos pandêmicos da COVID-19. Procurou-se proporcionar um espaço de escuta e acolhimento nas situações produzidas junto das crianças, de modo que elas pudessem se sentir seguras em verbalizar os sentimentos pessoais vivenciados nesse processo de enfrentamento da pandemia, compartilhando suas vivências durante período em que estavam afastadas do ambiente escolar, conversando sobre o coronavírus através da experimentação, imaginação e do acolhimento da pergunta-criança (DALMASO; OLIVEIRA; CORRÊA, 2018).

Para tanto, inicialmente se desenvolve uma revisão de literatura envolvendo o viés teórico que inspira o presente estudo. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos, seguidos pela discussão e análise dos dados.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nas linhas que designam os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimentos na educação infantil, defendidos na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), nós observamos os verbos conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, os quais não podem estar livres das intenções das educadoras e educadores os quais produzirão práticas pedagógicas a partir desses direitos e desenvolvimentos. Nesse sentido, o arquivo afirma que:

Essa intencionalidade consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas (BRASIL, 2018, p. 39).

Essas práticas, afirmadas e promulgadas nas linhas supracitadas, como parte do processo de organização e planejamento de um educador/a em situações educacionais com crianças, auxilia na garantia de promoção de uma gama infinita de experiências corporais e mentais a serem vivenciadas com as mesmas, visando seu desenvolvimento pleno. Dito isso, acreditamos que esse cenário amplia o que denominamos como proposições e aproximações

iniciais (e necessárias) de introdução de uma base científica na educação infantil.

Nesse sentido, consideramos importante que, quando nos encontramos com as crianças, ao abordar e propor diferentes situações educacionais - envolvendo cuidados e práticas que envolvam conhecimento científico - consideremos que as crianças estão imbricadas numa rede a qual diz de seus traços, códigos culturais, linguísticos, pertencentes ao seu grupo social.

O ser humano, sujeito de sua aprendizagem, nasce em um ambiente mediado por outros seres humanos, pela natureza e por artefatos materiais e sociais. Aprende nas relações com esse ambiente, construindo tanto linguagens quanto explicações e conceitos, que variam ao longo da sua vida, como resultado dos tipos de relações e de sua constituição orgânica (DELIZOICOV et al, 2011, p. 130).

Enquanto educadores e educadoras, então, passamos a atentar a gestos que movimentam em perceber as vozes constitutivas das vidas infantis com as quais nos encontramos, ouvindo e sobretudo abertos a estudar suas realidades, suas percepções prévias, sua cultura primeira (DELIZOICOV et al, 2011), e suas emoções, as quais se produzem fora de situações organizadas de ensino (DALMASO; OLIVEIRA; CORRÊA, 2018).

Nesse sentido, o convite à produção de perguntas direcionadas às crianças, e de instauração de conversações é levado em conta, posto que acreditamos que é:

[...] o viver no conversar que constitui o humano. Acreditamos também que o humano surge, de fato, quando o conviver no conversar, como um modo de vida que se conserva geração após geração na aprendizagem das crianças, passa a definir a linhagem da qual somos agora o presente (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004, p. 135).

Nessa linha de pensamento, entendemos que uma educação infantil só pode ser promovida por processos que promovem gestos de cuidado e atenção. Trata-se de produzir encontros com as crianças que não pelas vias do controle, autoridade e obediência, da negação de seu ser, sua existência e potência, mas onde o fluir da vida, relacional e interativa, produz um acontecimento-tempo que instaura linguagens, emoções e brincadeiras baseadas em experiências que envolvam autorrespeito, dignidade da confiança e aceitação mútua (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 2004).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O viés metodológico dessa pesquisa é de abordagem qualitativa (GOLDENBERG, 1997), de natureza aplicada e do tipo Pesquisa-ação (TRIPP, 2005). Conforme aponta o estudo de Tripp (2005) “A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o

desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino” (p. 445). Além disso, requer intervenções no campo prático, já que é participativa e colaborativa, surgindo a partir de uma problemática relevante e emergente. O estudo discorre acerca dos achados decorrentes de um movimento direcionado a crianças, buscando explicar reflexões sobre a importância da inserção do tema Coronavírus na educação infantil, trabalhando questões que incentivem a curiosidade, o desenvolvimento e o pensamento crítico juntamente com a iniciação científica.

Buscamos desenvolver a curiosidade nas crianças, instigando o interesse pelo aprendizado e os cuidados quanto ao contágio e propagação do Coronavírus. Concomitantemente, atentamos em buscar resultados significativos no desempenho destas crianças e no desenvolvimento da proposta de trabalho sobre a importância da higiene em tempos de pandemia, bem como alavancar questões de subsídio para discutirmos pontos que consideramos fundamentais na conversação com as crianças, a saber: o que é o Coronavírus, quais os cuidados que devemos apresentar com relação à pandemia, o que esse vírus causa, como ocorre o contágio, dentre outros pontos que poderiam surgir ao decorrer da conversação.

Lembrando que, na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BNCC, 2018), nós não temos componentes curriculares, mas Campos de Experiências, os quais se tratam dos saberes e conhecimentos fundamentais a ser propiciados às crianças e associados às suas experiências. Dessa maneira, organizamos o movimento direcionando o conhecimento científico relacionado à temática do Coronavírus voltado à educação infantil, visando a compreensão das situações sanitárias e também de convívio e entendimento pandêmico.

Desta forma, pensamos e construímos juntos o retorno ao ambiente escolar para que o mesmo ocorresse como algo acolhedor e vivo, pensando estratégias lúdicas e de experimentações para receber os principais envolvidos, as crianças, instigando a curiosidade, a intervenção, os apontamentos, os diálogos e as percepções das mesmas, salientando a importância da escuta atenta ouvindo suas perguntas-máquinas, mobilizadoras de um pensar que é próprio da criança (DALMASO; OLIVEIRA; CORRÊA, 2018).

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para lançarmos o tema coronavírus para as crianças da pré-escola (Pré B) da Escola Municipal de Educação Infantil, utilizamos uma réplica do vírus a qual foi feita em tamanho aumentado e confeccionada em EVA. Com este material, procuramos visualizar quais eram os conhecimentos prévios das crianças quanto a questão pandêmica que assola não somente os

ambientes educacionais como também todo âmbito social, familiar, midiático, bem como dimensões socioemocionais, psíquicas, entre outros.

Para iniciar a conversação com as crianças, incitando a curiosidade, utilizamos algumas questões norteadoras, a saber: Qual a diferença que vocês notaram na vida de vocês, antes do coronavírus e de agora, quando retornaram à escola?¹ O que vocês sabem sobre o Coronavírus? Os pais de vocês conversaram sobre o Coronavírus, Covid-19 ou pandemia? Como vocês se sentiram durante este tempo que ficaram fora da escola e sem poder sair por conta do Coronavírus? Na televisão vocês ouviram falar alguma coisa sobre o Coronavírus?

Na conversação, com relação às diferenças relatadas pelas crianças de como eles percebiam a escola antes e depois do coronavírus, as crianças afirmaram sobre a presença das máscaras, do álcool em gel, as roupas de proteção das professoras e observaram ter poucos coleguinhas na sala de aula, uma realidade bem diferente da que presenciaram anteriormente, já que ambos frequentavam a escola desde o berçário e maternal. Já em relação quanto a como eles se sentiam, relataram estar tristes por não poder sair no portão, não ter escola, não brincar com os amigos, não poder acompanhar a mãe no mercado, ficar alguns dias longe dos avós, dentre outras narrativas envolvendo a rotina que viviam antes da presença da pandemia em suas vidas.

Nas respostas relacionadas à fala dos pais, argumentaram: “Eles falaram que não poderiam sair, que tinha que usar máscara e álcool em gel”; “Minha mãe falou que não dá mais pra eu ir no mercado com ela”; “Tem que usar máscara e álcool em gel”; demonstrando os cuidados pontuais, envolvendo os protocolos de higiene com o corpo e distanciamento social. Nesse sentido, foi possível perceber que eles relacionam o coronavírus ao uso de máscara e álcool em gel, mas quando questionados o porquê de terem de usar a máscara e o álcool em gel, relataram que era porque os pais os orientaram a fazer isso.

Sobre o entendimento que tinham a respeito do coronavírus, falaram que o mesmo deixava as pessoas muito doentes e que fazia um “estrago” dentro delas. Uma das meninas associou a forma do coronavírus com uma mamona: “Esses dias eu peguei um coronavírus, lá fora, no campo onde eu fui com o meu pai, ele era verdinho e tinha pontinhas como este”. Então, a educadora responsável pela prática com as crianças, uma das autoras deste texto, se aproximou e procurou entender sobre o que ela estava falando, percebendo que se tratava de um fruto da espécie *Ricinus communis* (popularmente conhecido como mamona), fato este que a deixou

¹ Como a escola abrange várias fases do desenvolvimento infantil, desde o berçário até a pré-escola, os quatro alunos vinham desde muito pequenos matriculados na mesma.

encantada com a imaginação e com a facilidade que a criança demonstrou em produzir associação do vírus com uma forma de planta, a partir de um passeio rotineiro.

Quanto aos fatos na televisão, as crianças afirmaram não lembrar, que não tinham visto nada acerca do tema, demonstrando que o assunto na televisão não chamou tanto a atenção deles, por diversas variáveis possíveis que nos cabe aqui discorrer. Notando que eles entendiam o uso da máscara como um comando/ordem, mas não associando com a real necessidade do seu uso, intervimos com uma explicação: a máscara era necessária para se proteger e proteger o amigo ao lado, por isso ela tem de cobrir a boca e o nariz, porque caso a gente espirre, tussa ou mesmo fale, impedimos que nossa saliva ou a secreção que saia do nariz, espalhe as gotinhas bem pequenas, muito pequenas mesmo. Elas são invisíveis aos nossos olhos, porém, é dentro destas gotículas que ficam os vírus, o coronavírus, caso a gente esteja doente. Se tossirmos ou espirrarmos ou falarmos, essas gotinhas se propagam por diferentes lugares do ambiente, podendo pegar na classe, na mãozinha de vocês, na garrafinha de água e daí quando você pega nestes locais e leva na boca, no nariz ou nos olhos, a pessoa que não estava com o vírus vai ficar com eles. Isso se chama contágio, é quando o coronavírus consegue invadir nosso sistema imune. Também a máscara serve como barreira para a gente não transmitir, caso tenha o coronavírus, e para também não pegar quando manipulamos ou levamos a mão até a boca ou nariz. As professoras utilizam protetores faciais, aqueles que parecem de um astronauta, pra quando forem trabalhar pertinho de vocês, para proteger os olhinhos dela e a integridade de vocês também.

4.1 MEU NOME É CORONAVÍRUS

Logo após essa primeira conversa, iniciou-se a leitura de uma história interativa sugerida pela pedagoga, responsável pela turma: “Meu nome é coronavírus” (CRUZ, 2020). Com a história, conseguimos explorar vários aspectos relacionados aos cuidados com relação à propagação do vírus, e quais eram os sintomas causados pelo mesmo. Partimos da premissa de explicar que este vírus era primo da gripe e do resfriado, perguntando às crianças, então, se algum deles já havia ficado resfriado, como eles se sentiram. As crianças responderam que, quando gripadas, ficavam sem vontade de brincar, às vezes com nariz escorrendo e também com tosse. Assim, falamos que o coronavírus era, em certo ponto, semelhante, só que um pouco mais grave, como se fossem estes os mesmos sintomas, porém de uma forma mais agravada, e que muitas pessoas poderiam ir para o hospital por causa dele.

Em seguida, perguntamos como eles se sentiam ao escutar a palavra coronavírus. Para

orientá-los, ilustramos as emoções com emojis, com faces que designavam um rosto tranquilo, confuso, preocupado, curioso, nervoso e triste, para que, então, eles escolhessem qual delas os representava quando falavam sobre o assunto, o que eles sentiam. Duas crianças se identificaram com o emoji de confuso, uma com emoji de curioso e outra com emoji de nervosa. Como um movimento de aproximação e validação de suas emoções, relatamos que, por vezes, também nos sentimos assim, mas também procuramos tranquilizá-los, afirmando que aos poucos as coisas iriam melhorar, ainda que tivéssemos que seguir tomando os cuidados necessários de distanciamento, higiene e proteção.

A história contada às crianças mostrava uma narrativa onde os adultos se preocupavam com o que aparecia na televisão, mas que o próprio coronavírus iria explicar quem ele era: quando ele visitava o corpo humano, trazia consigo falta de ar, febre, tosse, dor de cabeça, dor de barriga. Nesse momento, salientamos que comunicassem seus pais ou responsáveis quando se sentissem assim, evitando de ir à escola quando estivessem com os sintomas citados, para não passar para os outros coleguinhas. Explanamos que logo o vírus vai embora do corpo e que a maioria das pessoas se sentem melhor em alguns dias. Produzimos analogias, explicando que esse processo era parecido como quando nosso joelho sara depois de um arranhão², mas que apesar de tudo eles poderiam ficar tranquilos, pois os adultos que cuidam de vocês vão mantê-los seguros, e que as crianças podem ajudar lavando as mãos frequentemente com água e sabão.

Assim, após, os estudantes foram convidados a levantarem e ficarem em pé ao lado de suas classes para que dançassem suas músicas preferidas enquanto fazíamos movimentos representativos de lavar as mãos. Em seguida, com o uso do álcool em gel, eles deveriam passar em suas mãos e contar até 10 para que durante este tempo o álcool secasse. Foi assim que passamos nas mãos de todos o álcool em gel e, enquanto contávamos até 10, olhando os algarismos numéricos expostos na sala de aula, apontando a numeração correspondente. Por fim, a história trazia que se a criança seguisse estes cuidados, o coronavírus não iria visitá-los. Enquanto isso, estariam os doutores e cientistas desenvolvendo vacinas que permitissem às pessoas se cumprimentarem sem ficarem doentes. Salientando a importância da vacinação, relatando que as professoras e funcionários da escola estavam todos vacinados e que apesar da picadinha, era um momento de muita esperança. Incitando-os a contarem isso para os seus pais, para que, quando chegasse a sua vez, todos fizessem as duas doses da vacina, para que tudo pudesse voltar ao normal.

Ao decorrer da proposta, incentivamos as crianças que perguntassem o que mais elas

² Na história contada, havia a ilustração de um pulmão, e do vírus partindo com uma mala.

gostariam de saber. Foi assim que surgiram perguntas do tipo: “Do que o coronavírus se alimenta? Como nasce o coronavírus bebê? Ele toma um leite especial? O que são as árvores que estão dentro do pulmão da história? Se eu levar a mão no meu nariz, eu pego coronavírus? O coronavírus veio de avião?”.

Percebe-se aí a potência das perguntas-crianças, movimentadoras de um pensar que é próprio das circunstâncias sociais, mas de um dever-cognitivo das mesmas. Afinal, quem faz esse tipo de perguntas, as quais nós nunca temos respostas e pensamentos prontos para as mesmas? Assim, foi nesse sentido que, com estas perguntas promovidas por eles e que emergiram após a leitura, é que estruturamos as propostas seguintes as quais serão apresentadas.

Figura 1: “Meu nome é coronavírus”



Fonte: Imagem do acervo das pesquisadoras (2021).

4.2 EXPERIMENTAÇÃO COM GLITTER

No movimento seguinte, e por iniciativa da pedagoga regente da turma, decidimos por inserir uma atividade a qual as crianças confeccionaram o desenho da estrutura do coronavírus, preenchendo e colando bolinhas de papel crepom, promovendo o desenvolvimento de habilidades como a coordenação motora fina, concentração, criatividade e a percepção visual.

Além disso, vislumbrando os questionamentos lançados pelas crianças em momento anterior, buscando-se apresentar de forma lúdica a propagação do vírus no ambiente, utilizamos glitter de diferentes cores. Cada cor era dita por eles, o que de imediato chamou a atenção dos pequenos. A professora dramatizou um espirro e neste momento, colocou a mão no glitter, em seguida tocando nas coisas com a mão com glitter, o qual se espalhava pela classe, cabelo, nariz,

até mesmo na roupa. Com esta dinâmica, reforçamos a importância da higiene, não somente das mãos, mas também das roupas, das máscaras, dos calçados, de manter as unhas curtas, etc. Explicamos também que, era devido a esse funcionamento do “vírus”, que não podíamos ainda nos abraçar ou tocar, porque, assim como o glitter que estava agora por todas as partes, o vírus também poderia estar, só que ele era invisível e isso demandava de um cuidado ainda maior, porque é difícil nos protegermos do que não estamos vendo.

A experimentação produzida foi uma brincadeira que englobou vários pontos importantes de respeito ao próximo, de saúde, do lúdico, da imaginação, do brincar e explorar, mostrando-se uma estratégia possível, fácil e significativa para as crianças.

Figura 2: Experimentação com o Glitter



Fonte: Imagem do acervo das pesquisadoras (2021).

4.3 EXPERIMENTAÇÃO DEDO MÁGICO

Para a experimentação do Dedo Mágico foi necessário um prato com água, orégano e detergente. Após colocar o orégano sobre a água, pediu-se para que eles passassem detergente no dedo e mergulhassem, o dedo com detergente, no prato com água e orégano. No instante em que isso é realizado, as folhas de orégano se afastam deixando o centro do prato limpo (representando as partículas de sujeira, germes, bactérias e até mesmo o coronavírus). Ao produzir essa experimentação com as mãos das crianças, salientou-se a analogia: para estarmos seguros, é necessário lavar as mãos regularmente, fazendo os movimentos de fricção entre os dedos, nas palmas das mãos, nos polegares, embaixo das unhas e sobre o dorso da mão.

Almejando que durante o processo as crianças se sentissem envolvidas apesar do

distanciamento e das normas de biossegurança, bem como seguras, num ambiente descontraído e extrovertido, prezando assim pelo desenvolvimento pedagógicos, propomos uma dança ao som da música “Lavar as Mãos (Mão)”, da banda Palavra Cantada (e composição de Arnaldo Antunes). Com elas, pudemos explorar aspectos corporais, motores, de movimento e construção de hábitos de higiene, produzindo uma presença alegre e atenta ao encontro que se dava com as crianças.

Figura 3: Experimentação do Dedo Mágico



Fonte: Imagem do acervo das pesquisadoras (2021).

4.4 PROCESSO AVALIATIVO

Como processo avaliativo da proposta, identificando quais as construções desenvolvidas durante o projeto foram propostas duas atividades. Uma onde vendamos os olhos das crianças, e colocamos um pouco de tinta guache na palma das mãos delas, em seguida pedimos que elas simulassem a lavagem das mãos, novamente utilizando a imaginação no seguimento do “Faz de Conta” pedindo que “Finjam estar lavando as mãos... como vocês fazem normalmente?”. Aproveitem e utilizem todos os pontos que trabalhamos. Após elas falarem que haviam terminado, tiramos as vendas dos olhos e solicitamos para que juntos observassem se todas as áreas da mão estão cobertas com a tinta guache. Visualizando se todas as áreas da mão foram atingidas com a tinta, reforçando e acrescentando que todos os movimentos realizados durante o “lavar as mãos” são necessários, frisando que as áreas não atingidas pela tinta não foram devidamente limpas.

Promovendo um espaço onde as crianças poderiam externalizar os sentimentos que

surgiram durante os encontros, foi disponibilizado a elas materiais (papel, giz de cera, lápis coloridos e formas geométricas de papelão) para que se expressasse da forma, em que, se sentissem mais à vontade estimulando a expressividade da criança, a autonomia e o desenvolvimento artístico, conforme aponta o Guia de orientações, de onde foi inspirada esta atividade, intitulado ‘Acolher vidas para fortalecer emoções e criar estratégias pós-pandemia – COVID-19’ publicado pela Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente no ano de 2020. Traz que o desenho é uma das formas das crianças menores expressarem sentimentos e emoções, sendo está uma estratégia possível e significativa.

Figura 4: Processo Avaliativo



Fonte: Imagem do acervo das pesquisadoras (2021).

5 CONCLUSÕES

Com base na série de ações que foram implementadas no cerne da na educação infantil de uma instituição de ensino do RS, foi possível direcionar a atenção para a construção de subsídios potentes para o retorno presencial da educação escolar, a partir dos conhecimentos inerentes ao campo das Ciências da Natureza.

Por intermédio das ações envolvendo os saberes e práticas da Ciências da Natureza, bem como os conhecimentos pedagógicos da professora regente, foi possível aguçar uma escuta para as narrações das crianças, afinando um corpo presente e atento para com suas noções quanto ao coronavírus, com vistas a produzir possibilidades de exploração pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**, 2018.

BRASIL. **Guia de orientações acolher vidas para fortalecer emoções e criar estratégias pós-pandemia – covid-19**. Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. 2020.

COSTIN, C. Desafios da educação no Brasil após a Covid-2019. In: COSTIN, C. et al. (Livro eletrônico). **A escola na pandemia: 9 visões sobre a crise do ensino durante o coronavírus**. 1ª Edição. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <http://www.unisinos.br/institutoinovacao/wp-content/uploads/2020/09/ebook-a-escola-na-pandemia-com.pdf>. Acesso em: 29/05/21

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, M. M. Meu nome é coronavírus, 2020. Disponível em: <https://catve.com/arquivos/15840192955e6a375f71bfd.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

DALMASO, A. C.; OLIVEIRA, M. O.; CORRÊA, G. C. (2018). Pergunta-criança: uma estratégia de aprender (e ensinar) Ciências. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, 11(25), 213-226, 2018.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MATURANA, H.; VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MANUAL DO MUNDO. Dedo mágico de orégano (experiência de química). 2014. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uOF9TXCXvQM>. Acesso em: 31/05/21

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.